

PIMPAM PAM PIM



Suplemento infantil do jornal:

O SEculo

• DIRECTOR: AUGUSTO DE SANTA RITA •



A menina tartaruga

POR LEONOR DE CAMPOS

MARIAZINHA : vai depressa!...
 — Mariazinha : não demores!...
 — Mariazinha : avia-te!...
 De manhã, à tarde, à noite, só se ouviam, por toda a casa, palavras de incitamento para que a Mariazinha se mexesse com mais desembaraço. Mas qual?! Não havia forma de a resolver.

Os irmãos chamavam-lhe a «tartaruga»; na escola era conhecida por «lesma»; e entre as amigas por «caracol».

Quando a censuravam pela sua moleza, Mariazinha respondia, muito espezitada:

— «Não ando mais depressa porque sou bem educada e não quero desmentir os que me chamam «tartaruga», «caracol» e «lesma». Ora vejam lá: Se eu agora desatasse a correr, essa gente ficava toda por mentirosa!...»

Os pais, como se pode imaginar, tinham grande desgosto com esta filha tanto mais por ser inteligente.

A Mariazinha ia crescendo, sempre muito preguiçosa. E chegou aos doze anos mal sabendo ler e escrever. O seu irmão Ricardo, com 14, tinha esplêndidas notas no 4.º ano dos liceus. E o outro irmão, o José, apenas com 9, já estava habilitado para fazer exame de 3.ª classe. Que vergonha!...

Num domingo, pouco depois do almoço, apareceu lá em casa a professora da Mariazinha. E tais coisas contou, tanto se queixou, que depois de ela ter saído, o pai, muito zangado, chamou a mãe ao escritório, fechou a porta à chave e ficaram os dois largo tempo a conversar.

Os pequenos, no quarto ao lado, bem se esforçavam por entender o que o pai dizia. Mas só lhes chegava aos ouvidos o som da voz grave e abafada do pai e um ou outro soluço da sua mãezinha.

Os rapazes, então, revoltavam-se contra a irmã. E o José exclamou:

— «Por sua causa é que a mãezinha chora!... Grande fera!...»

— «Essa agora é de primeira!... Eu... fera? — retorquiu ela, com o seu habitual descaramento — Nunca ouvi chamar feras às tartarugas!...»

— «Cala-te — ordenou o Ricardo — Ainda por cima és cinica!...»

— «Cinica?! Mas que linda palavra!... Onde aprendeste, meu sabichão?»

Ricardo, desesperado, ia bater-lhe. Mas o José segurou-o, dizendo:

— «Deixa-a lá!... Não vale a pena incomodares-te. Se lhe tocas, podes esborrachá-la. Não vês que é uma «lesma»?»

A questão ameaçava prolongar-se e agravar-se. Mas nesta altura abriu-se a porta do escritório e apareceu a mãe, com os olhos muito vermelhos e uma grande ruga de tristeza ao canto dos lábios.

Calaram-se imediatamente. A mãe passou como se a não vira, e dirigiu-se para o quarto de vestir.

Pouco depois dizia o José, baixinho:

— «Parece que vai sair... Onde irá?»

Mas nenhum deles se atreveu a perguntar-lho...

Quando ela voltou, à tardinha, conservava a ruga de tristeza. Conversou de novo com o pai, em particular.

E nesse dia, nem ao jantar, de ordinário tão alegre — (os filhos a contarem episódios da sua vida de estudantes, os pais a comentarem-nos com graça) — a atmosfera se desanuviou. Esuiveram todos carrancudos, preocupados, sem apetite...

No dia seguinte, às 7 horas, a criada acordou Mariazinha:





— «Menina, faça favor de se levantar já. Mandou a Mãezinha!»

— «Para quê?»

— «Não sei. Os senhores também já estão a pé e recomendam-lhe que se não demore...»

Mariazinha principiava a vestir-se vagarosamente, como era seu costume, quando ouviu à porta a voz do pai:

— «Tens meia hora para te preparares e almocares. Às sete e meia em ponto estás pronta.»

Ela sentiu um arrepio. Gostava muito da voz do pai, quando êle estava bem disposto. Mas quando se zangava... brf...

— «Hoje, por exemplo, tem uma voz que lembra trovoadas, faíscas, tremores de terra, peças de artilharia!...» — murmurou ela, aflita.

E vestiu-se muito depressa, com receio de que êle se zangasse mais. Na sala de jantar, encontrou os pais com cara de caso.

— «Mariazinha — disse o pai, logo que ela acabou de tomar o pequeno almoço: — Começa hoje vida nova. Vais fazer treze anos. Neste mundo todos nós temos obrigação de trabalhar. Mas como tu não queres estudar, com o que sabes, já podes governar-te, visto não teres grandes aspirações. Entras hoje como aprendiz em casa da modista de tua mãe. Para mais tarde seres também uma boa modista? Infelizmente não tenho ilusões a teu respeito. Para isso seria necessário trabalhares muito, dedicares-te com amor a essa arte, sacrificares dias e noites até alcançares a perfeição. Tu és incapaz de grandes esforços e sacrifícios. Mas... talvez possas vir a ser uma costureirinha modesta, modestíssima...»

Mariazinha corava, empalidecia, tornava a corar, sem poder articular palavra, as lágrimas a espreitarem nos olhos vivos. E o pai continuou:

— «Acredita que é com sincero pesar que nós, eu e tua mãe, resolvemos castigar-te assim. Teus irmãos estudam com vontade para conseguirem tirar cursos superiores. Amanhã, a costureira mediocre que tu serás, sentir-se-á deslocada ao lado deles. Mas... antes costureirinha do que vadia...»

E o pai afastou-se, sem a beijar. A mãe olhou-a com uns olhos muito tristes, muito tristes... e afastou-se também. Pouco depois reaparecia, já de chapéu na cabeça, pronta para a acompanhar.

— «Hoje vou contigo, por ser o primeiro dia — disse-lhe ela. — Mas depois irás com duas colegas, que moram aqui perto...»

(Continua na página 7)

A PELE DO TIGRE OU O RIQUINHO EM ÁFRICA

FOLHETIM INFANTIL POR GRACIETTE BRANCO

(Continuado do número anterior)

ENTÃO abriu-se, par em par, a janela da sua inteligência e Riquinho, soltando uma gargalhada, compreendeu tudo. Os movimentos que o tigre, de quando em quando fazia, eram provocados pelo corpo de Tareco que, para mais escondido refúgio, se fôra aninhar sob a pele do tigre que, por sinal, deixara amarrotada no momento da fuga para o lado da porta. E Riquinho, embora ainda um pouco nervosamente, ria a bom rir do susto que o inofensivo Tareco lhe pregara.

Mas, nesse instante, alguém bateu à porta. Era um bater suave e medroso que alegrou Riquinho por se sentir, assim, acompanhado.

Uma voz cicou pela frincha da porta:

— «Menino deixá entrá preto?»

Riquinho empalideceu. As palavras macabras da cozinheira (e até há alguns desses senhores jarruscos que comem pessoas e lhes chamam um figo) soavam-lhe aos ouvidos, funebremente, e o seu coração estava mais pequenino do que um baguinho de arroz.

Iria, enfim, vêr-se, frente a frente, com um desses seres terríveis que deviam ser bem diferentes dos poucos pretos que havia visto em Portugal, já adaptados ao meio civilizado.

— «Não entre ainda; espere.» — Foi a única resposta de Riquinho.

Dentro de si uma mágoa pungente chorava e todo êle se revoltava pelo isolamento em que os seus Pais o deixavam.

Sentia-se entre a espada e a parede. Mas eis que, subitamente, Riquinho teve uma ideia e, ainda bem que ela



surgira, porque, pela greta da porta, acabava de divisar uma pele preta e luzidia.

Cautelosamente, desceu do leito e, dando graças a Deus pelo belo exemplo dado pelo bichano Tareco, deitou-se no chão envolvendo-se todo na enorme pele de tigre. Lentamente foi avançando para a porta, dando urros, com todas as suas forças: — Uhhh! Uhhh! Uhhh!...

— «Crede! Minino fazê baúlho exquisito!...» — dizia o preto do lado de



A ORFÃZINHA

Por FELIZ VENTURA

COITADA da orfãzinha,
Tão pequena, tão novinha,
No mundo sem pai nem mãe,
Pelas ruas vagueando,
Cabeça baixa, chorando,
Na Vida sem ter ninguém!

Madrinha, tios, avós,
Que há sempre junto de nós,
Ela já não encontrava!
E triste, por todo o dia,
Enquanto a multidão ria,
Ela pedia e chorava.

Debaixo da chuva fria,
Que, sem descanso, caía
Ante as lufadas do vento,

lá da porta, à medida que Riquinho
ia avançando.

E como o prêto roía uma amêndoa
que um dos criados brancos lhe havia
dado, Riquinho pensava, com o cora-
ção a bater desordenadamente: — «Deve
ser o crâneo dalgum desgraçado que
lhe caiu nas garras. E redobrava de
força: — Uhhh! Uhhh! Uhhh!...»

Quási imperceptivelmente, a porta
começou a abrir-se e, de repente, o
prêto, como louco, deixa cair das mãos
a taça de chocolate que levava e desata

Lá deslisa a orfãzinha,
Pois não tem uma casinha
Onde descanse um momento.

Durante o dia anda à esmola,
Levando ao ombro a sacola
E à noite — que sorte crua! —
Vai dormir — quem diria! —
Debaixo da chuva fria,
Nas duras pedras da rua.

E quando vem a alvorada,
De mil flores matisada,
Entre cantos e esplendores,
Vai, de novo, a orfãzinha
Suplicar uma esmolinha
Só tendo mágoas e dores.

O' todos que tendes lar
E não sabeis que é chorar,
Pois que tudo vos sorri,
Se virdes a orfãzinha
A pedir uma esmolinha,
A vossa porta lhe abri.

Recebei-a com doçura,
Dai-lhe pão, dai-lhe ternura,
Fazei rir os lábios seus.
Pobres que estendem as mãos,
Também são nossos irmãos,
Também são filhos de Deus!

F I M

a correr, à doida, dando pulos e
guinchos:

— «Dipressa! Dipressa, sió coman-
dante. Minino ser comido por tigre.
Tigre está em quarto di minino. Tigre
ser grande e querer comê prêto.»

Imediatamente o corredor foi inva-
dido pela criadagem branca e prêta e
pelo quarto de Riquinho irromperam
seus Pais chamando por êle, em grande
aflição.

Mas a pele jazia já por terra aos
pés da cama, enquanto Riquinho, a

ANEDOTAS INFANTIS

ENTRE GAROTOS



— «Sabes o que é uma testemunha
ocular?»
— «Sei, é uma testemunha que usa
óculos.»

NA AULA DE ASTRONOMIA



Professor — «Menino, qual é a maior
estrela que conhece?»
O aluno — «A Greta Garbos.»

um canto do quarto, talvez envergon-
nhado de si próprio, fazia festas ao
Tareco, sentadinho no chão.

— «O que foi isto, Riquinho?» —
preguntou, ansiosa, a mãe, apertando-o nos braços.

Mas o Pai, que havia visto a pele
amarrotada e calculou ser partiça de
Riquinho, disse-lhe rindo francamente:

— «Quizeste pregar um susto ao des-
graçado prêto, hein?»

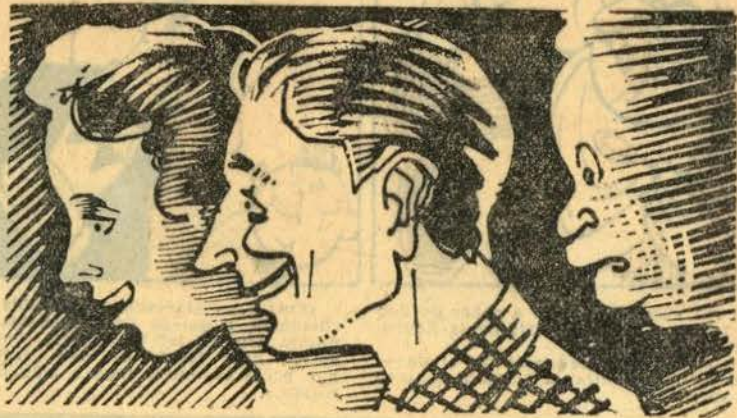
Riquinho, apatetado, olhava para
as caras dos prêtos e, sobretudo, para
Tadeu que, voltado para êle, o envol-
via num olhar embevecido, dizendo,
de espaço a espaço:

— «Qui rico minino tão lindo e tão
branquinho! Tigre lhe havia di chamá
um figo!...»

Mas, enquanto sió comandante bei-
java, ternamente, Riquinho, êste se-
gredou-lhe ao ouvido:

— «Papá, tenho médo dêles e meti
médo a êsse para êle fugir.»

Então, o Pai de Riquinho, compreen-
dendo finalmente tudo, desatou a rir,
a rir, a rir às gargalhadas, e riu tanto,
tanto e tanto, e fez tanta troça dêle,
que Riquinho, envergonhado, resolveu
não mais ter médo e percebeu, mais
tarde, que aqueles ingênuos e alegres
pretinhos tinham o coração mais
branco do que uma lua cheia de
Agosto.



PARA OS MAIS PEQUENINOS

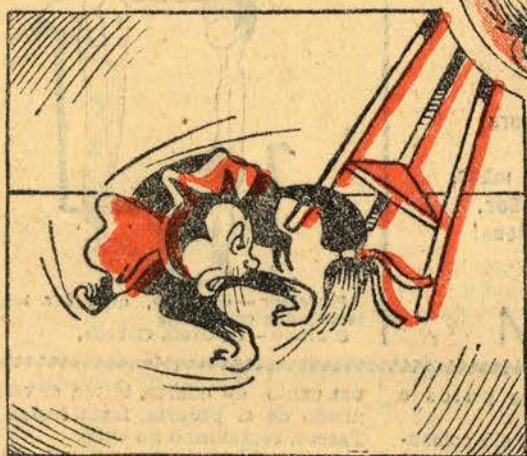
NAO FAÇAIS MAL...



O Sarameco: (andando à roda) — «Ora esta! O diacho do Rosa amarrou-me à cauda uma guita que me está fazendo tanta impressão...»



A criada Rosa: — «Ah! ah! ah! Mas que engraçado!»



— (O pior é que o Sarameco ao perseguir a própria cauda para lhe tirar o fio, não repara na coluna e...)



A Rosa: — «Ai!... Ai-i-i!... Socorro! Jesus! Que eu morro!!!»
.....
Vêde amiguinho,
muito juizinho,

maldades não teça.
Olhe para a Rosa,
que por ser maldosa
partiu a cabeça.

A RESPOSTA DO PEPE Por ISABEL AREOSA



Pepe veio da Galiza para Portugal e empregou-se, como criado de mesa, num restaurante. Logo no primeiro dia em que serviu à mesa, um dos comensais levantou-se rubro de cólera e bradou: — «isto é a maior das porcarias!»



Pepe acorreu solícito a saber do que se tratava: — «O que dizia Bossa Xenhoria?»
O comensal berrou mais alto ainda: — «Acabo de encontrar a quina de espadas na sopa!»



«Então... — observou, com modos conciliadores, o galego Pepe: — «Bossa Xenhoria tem de ter paciência... Porque, enfim, num jantar de xete escudos, não podia encontrar logo a manilha de trunfo...»

TEMAS O QUE FAZEM AS ZANGAS À PROVA

Meus mentirosos: — O «Pim-Pam-Pum» sabendo que, entre os seus numerosos amiguinhos, há muitos com vocação literária, capazes, portanto, de redigirem um pequenino conto infantil, põe hoje à prova a vossa imaginação e desa-



afia-os a escreverem uma história pequenina, que poderá ter por título «O pintainho desobediente» ou qualquer outro que os nossos amiguinhos entendam.

Os desenhos que publicamos nesta coluna, devem servir de



alegoria ao referido conto. Reparem bem neles e escrevam-o, de forma que os desenhos se ajustem bem ao descritivo.

O que for classificado em primeiro lugar, receberá, como prémio, um lindo livro de contos in-



fantas, profusamente ilustrado e verá o seu trabalho publicado em lugar de honra no nosso suplemento. Além deste prémio, serão concedidas menções honrosas àqueles que a merecerem.

O QUE FAZEM AS ZANGAS

Por LAURA CHAVES

QUANDO a pardoca chocou, tinha dois ovos no ninho, e, quando o choco acabou, de espanto deu um gritinho e disse para o marido:

— «Isto também é demais! Mas que caso aborrecido... Os meninos são pardais!»

— «Tu estás palerma, estás louca! responde ele, ouvindo tal,



Tanto, tanto eles brigaram, — «Esta é fêmea... Aquele é macho...» que, no final, atiraram os filhos do ninho abaixo.

O conceito diz assim: — «Nunca se zanguem, filhinhos, que a zanga é coisa ruim... Lembrem-se dos passarinhos...»

■ ■ F I M ■ ■



Pois não vês que esta é pardoca e que aquele é um pardal?»

Houve bulha, houve chinfrim, uma enorme discussão, porque ela afirmava: — Sim... e ele respondia: — Não!

O RATINHO AVENTUREIRO

Porque entre os amiguinhos do «Pim-Pam-Pum» muitos há com habilidade para o desenho, publicamos, hoje, a pequena história que se segue, convidando-os a ilustrarem-na com três desenhos, do tamanho daqueles que publicamos na coluna ao lado. Ao autor das melhores ilustrações, daremos um prémio igual ao que prometemos na secção «Temas à prova» e as respectivas menções honrosas.

ESPERTINHO era um pequeno rato audacioso, que vivia com seus pais, rato Sábio e rata Viva, num buraquinho carunchoso duma copa, contigua a certa despensa recheada de toucinho, presuntos, queijos e outros géneros, aos quais os ratinhos costumam chamar, indevidamente, um figo.

Rato Sábio e rata Viva, experientes da Vida e dos perigos que os ratos correm em casas, como aquela, onde há gatos ou ratoeiras, estavam constantemente a aconselhar prudência ao audacioso Espertinho que, apesar de esperto, era bastante imprevidente. Este, todavia, desprezava os bons conselhos paternos e fazia constantes assaltos à despensa, indiferente às arremetidas de Dom Tareco, o guarda nocturno daquela moradia, que, em vez de chaves à cinta, usava apenas um guizó ao pescoço.

Ora, um dia, aconteceu o que era natural... Tantas vezes vai o cântaro à fonte, até que se parte. Foi o que sucedeu ao Espertinho, o qual, no melhor da festa, quando estava a saborear um belo queijo, sentiu uma forte patada de Dom Tareco que, se ele não foge tão depressa, o teria engolido, em vez de lhe ter arrancado a cauda, o que lhe causou grandes dores e um tremendo susto.

A D I V I N H A

(Solução da do número anterior)

Tratava-se, afinal, do arquipélago da Madeira, formado pelas ilhas da Madeira, Porto Santo, e algumas ilhotas «Desertas» e «Selvagens», o qual fica situado no Oceano Atlântico.

Tem de superfície total 370 quilómetros quadrados, e a sua maior altitude, 2 200

metros, é no Pico Ruivo, na Ilha da Madeira. Esta ilha, chamada a «Pérola do Oceano», que tem por capital a cidade do Funchal, tem um clima marítimo de deliciosa suavidade, sendo, por isso uma das mais lindas possessões de Portugal Insular.



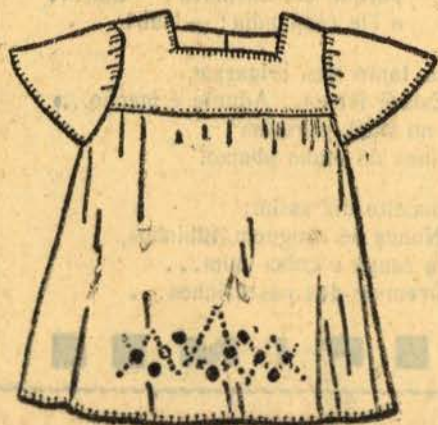
O CESTINHO DA COSTURA



O MEU BIBE

AQUI têm um bibe muito simples, que vocês podem fazer, ou, pelo menos, contribuir para a sua confecção, auxiliando a Mãezinha.

Há duas maneiras de executar esse ponto que garante o pescoço, mangas e a bainha de baixo. Uma delas é fazer um recorte largo e espaçado a intervalos certos. A outra é fazer um *picot* com agulha de *crochet*. O bordado que mais facilmente podem ver na ampliação, é com nósinhos e bolinhas a cheio.



ESCU TA ABELHINHA...

O nosso cérebro não pára o seu crescimento quando o do corpo termina. Está provado que ele pode desenvolver-se até aos 50 anos, na proporção do trabalho a que o obrigamos. Trata, portanto, de não ficares com um cérebro acanhado...



UM CONSELHO

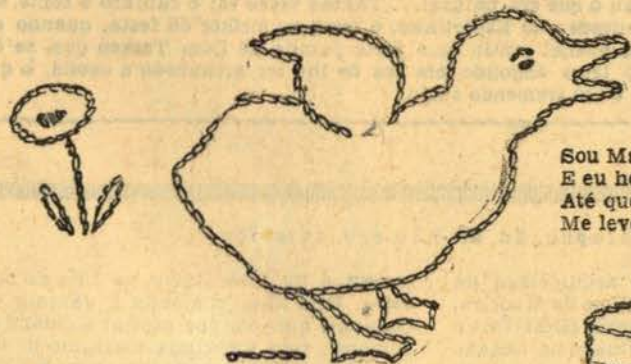
Se gostas de ter as plantas dos teus vazinhos viçosas, rega-as, de vez em quando, com água onde se lavou carne fresca, ainda sem sal.

EXPERIÊNCIAS BOAS

BOLO RELAMPAGO

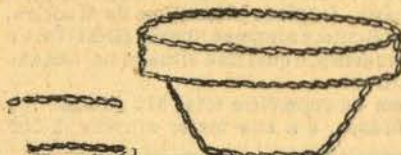
Leva pouco tempo a fazer e muito menos a comer! Peguem em 3 ovos e abram-nos inteiros, deitando-os numa tigela. Deitem-lhe por cima 250 gramas de açúcar e uma chávena mal cheia de farinha de trigo. Mexam apenas o suficiente para a massa ficar ligada e deitem, em seguida, para dentro de um taboleiro untado de manteiga. O taboleiro deve ter, pouco mais ou menos, 20 X 26 cm. Depois de pronto, cortem-no aos quadrados e polvilhem-nos de canela. A massa não deve ficar muito cozida.

MARRECO PATARRECO



Sou Marreco Patarreco
E eu hei-de sempre grasnar.
Até que alguma abelhinha
Me leve para bordar.

ABELHA MESTRA



OS NOSSOS CONCURSOS

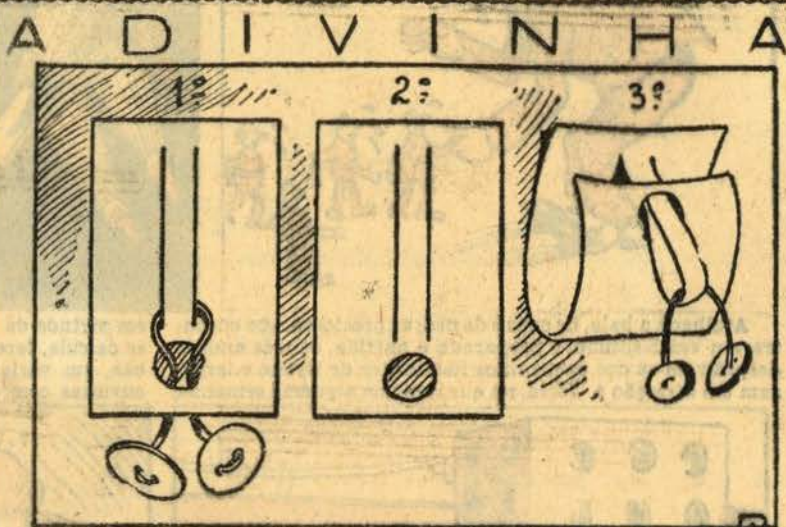
ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS

Conforme prometemos no número anterior, abaixo publicamos a lista completa dos nossos amiguinhos admitidos ao concurso: — Encontrai rimas e fixai conceitos. No próximo número publicaremos a decisão do júri. São eles:

- Maria José Marques Brota, de Constância.
- Fernando Silvestre Murta Rebelo, de Loulé, Algarve.
- João Vaz de Almeida Ribeiro, de Fornos de Algodôres.
- José Maria de Azevedo Vasques da Rocha Peixoto, de Ponte da Barca.
- Odette Andrade Gomes de Almeida Aguiar, de Vila Pouca de Aguiar.
- Zelinda Rosa Graça Ruas, de Cuba.
- Maria José Borges de Almeida, de Coimbra.
- Abel Carlos Vieira da Ponte, de Sintra.
- Manuel Marques Brandão, de Oliveira do Hospital.
- Alexandre Napoleão de Souza Caratão Baptista, de Lisboa.
- Josefa Sardinha Gomes, de Sousel.
- Edite das Dores Vieira, de Vila Franca de Xira.
- António José Monteiro Cardoso, de Algueirão.
- Lina dos Santos, de Pinhanços, Ceia.
- Manuel dos Santos Alveirinho, de Lisboa.

- Maria Atilia da Silva Parralo, de Brinches.
- Maria Júlia Guimarães Fisher, da Figueira da Foz.

- Maria Lucília Mendes de Abreu, de Lisboa.
- José Carlos de Carvalho Telo de Moraes, de Viseu.
- Abílio Almeida e Silva, de Ovar.
- João José de Almeida e Sousa, de Vila Franca de Xira.
- Manuel Ascenso Pessoa da Costa, de Lisboa.



Apresentem aos amiguinhos um retângulo de cartão, depois de preparado como se vê nas figuras 2.^a e 3.^a e peçam-lhes para tirarem as rodelas de cartão, que devem ter um diâmetro superior ao do furo, sem deteriorarem o cartão. Se, depois de matutarem um bocado, não o conseguirem, ensinem como mostra a fig. 3.

A MENINA TARTARUGA — (Continuação da página 2)

A Mariazinha tudo isto parecia um sonho mau. Maquinalmente vestiu um casaco, pôs o chapéu e ao lado da mãe se dirigiu a casa da modista. A mãe despediu-se. Ela sentiu o coração muito pequenino e um nó na garganta. Ainda gritou:

— «Minha Mãezinha!...»
 Mas a mãe continuou o seu caminho, sem mesmo se voltar para traz.

Logo lhe marcaram tarefa. Até ao meio-dia tinha que pregar uma grande porção de botões e molas.

Mariazinha, muito altiva para chorar diante das companheiras, que a troçavam pela lentidão e maneiras desajeitadas de costurar, engulia em seco e esforçava-se por cumprir. Ao meio-dia, pouco mais ou menos, vieram dizer-lhe que tinha chegado o almoço, que a mãe mandara. Ela imediatamente se levantou. Mas a mestra olhou-a por cima dos óculos e disse:

— «Tenho ordem para a não deixar ir almoçar enquanto não tiver terminada a sua tarefa...»

Mariazinha ia protestar. Mas viu que as outras riam e cochichavam. Respondeu apenas:

— «Muito bem!»
 E retomou a costura.

Viu sair todas as companheiras e ela continuou a pregar botões e molas. Então uma das colegas, mais compassiva, voltou atrás, abeirou-se dela e, em voz baixa, perguntou:

— «Queres que te ajude?»
 Mariazinha abespinnou-se logo:
 — «Queres?!... Que confiança é essa?»
 — «Ai credo — retorquiu a rapariga. — Veja lá se a ofendi, fidalga!... Você não é mais do que eu!... Pelo contrário. Eu já sou a primeira costureira, só à custa do

meu esforço e de muito trabalho. E você, com essas basófilias todas, nem para pregar botões tem jeito!... Ora passe muito bem, dona fedúncia!...»

E voltou-lhe as costas.
 Mariazinha almoçou tarde e à pressa, porque nova tarefa a esperava.

Quando à noite regressou a casa, ia tão abatida, tão cansada, que nem lhe apeteceu jantar. Meteu-se logo na cama e chorou, chorou até adormecer.

Agora já não era a menina Mariazinha, acarinhada por professoras e condiscípulas, a quem apenas se pedia que estudasse o bastante para não fazer figuras tristes. Era a aprendiz Maria, troçada pelas companheiras, repreendida asperamente pela mestra de costura, obrigada a fazer os trabalhos mais embaraçados, mais implicativos.

Mas a altivez, a soberberia com que a princípio aceitava o castigo, iam cedendo, pouco a pouco. As lágrimas reprimidas iam subindo do coração aos olhos...

E um dia não pôde mais: Entrou de manhã no quarto dos pais e num grito angustioso, suplicou:

— «Perdão! Perdão!...»
 — «Por mim, estás perdoada, minha filha — respondeu a mãe, comovida. — Quanto a teu pai...»
 — «Bem, Mariazinha — disse o pai. — Parece-me que já sabes o que é trabalhar. Perdoo-te com a condição...»
 — «Não diga, Paizinho, não é preciso. De hoje para o futuro não haverá melhor estudante do que eu...»

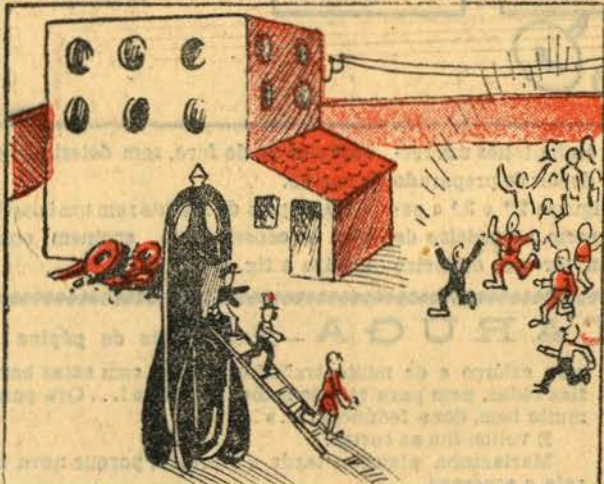
Mariazinha está actualmente formada em letras. E teve sempre as mais altas classificações do seu curso.

VIAGEM AOS PLANETAS (Continuado do número anterior) CONCLUSÃO



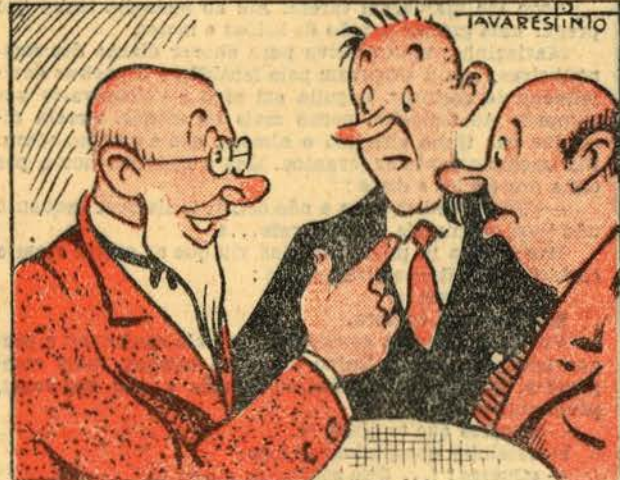
Atulhada a bala, de ouro e de pedras preciosas, que encontraram em Neptuno, e preparada a partida, os três amigos despediram-se dos pequeninos habitantes de Urano e largaram em direcção à Terra, no que levaram algumas semanas,

em virtude da enorme distância a que estavam desta. Como se calcula, foram recebidos apoteoticamente, tendo o Dr. Sabão, em várias conferências que realizou, maravilhado os ouvintes com o relato das suas viagens. Quanto a «Papa-



Tudo» e a «Passa-Fome, passaram a viver regaladamente, tendo criados, automóvel, etc. Pois se eles eram milionários? E agora, amiguinhos do «Pim-Pam-Pum», termino esta

história, publicando uma conversa travado entre os nossos três heróis num café.
DOUTOR SABÃO:—«Rapaz... dois cafés! Você, «Passa-Fome» não toma café, devido à sua asia?...



PASSA-FOME:—«Qual história! Já não sofro do estômago. Com o dinheiro que trouxe de Neptuno, tratei-me e... deixei de ser «Passa-Fome».
PAPA-TUDO:—«Você continuará a ser «Passa-Fome»,

seu estúpido. Noutras aventuras em que voltaremos ao «Pim-Pam-Pum» como é que Você havia de se chamar?»